



REVISTA TERCEIRO INCLUÍDO

ISSN 2237-079X

Transdisciplinaridade e Temas Contemporâneos

V. 12 - 2022

CHAVEIRO, Eguimar Felício

Experiências autoetnográficas com o trabalho: a estética da feira

pp.39-50

DOI: 10.5216/teri.v12i1.74843

EXPERIÊNCIAS AUTOETNOGRÁFICAS COM O TRABALHO: a estética da feira

AUTOETHNOGRAPHIC EXPERIENCES WITH WORK: the aesthetics of the fair

EXPERIENCIAS AUTOETNOGRAFICAS CON TRABAJO: la estética de la feria

Equimar Felício CHAVEIRO¹

Resumo: Ao recorrer ao expediente metodológico da autoetnografia, o qual valida as experiências dos sujeitos em situações de pesquisa, apresentar-se-á uma interpretação de um texto literário que enfoca a minha experiência de trabalhador na Feira de Trindade-Go. O texto – “A estética da feira”, uma crônica-ensaio, foi feito mediante a aglutinação entre uma crítica à estética performática e o relato da significação da feira que, durante alguns anos, foi o alicerce econômico da minha família. Para a sua consecução, desenvolveu-se uma reflexão do trabalho como operador de vida e como instância que se concretiza espacialmente. A interpretação da experiência de trabalhador informal se concretizou num enlace de escalas, dimensões e atividades de sujeitos. Foram observadas a dimensão econômica da feira, a dimensão espacial, temporal, afetiva e simbólica e os sujeitos diversos. A leitura das dimensões e dos sujeitos permitiram enxergar que a relação entre trabalho, memória e narrativa, estabelecida entre o específico e o universal, revela as condições e as contradições espaço/temporais de Trindade e também da sociedade brasileira. Ao proceder assim a autobiografia, sob a lupa da interpretação teórica, torna-se um aporte de uma etnografia do país, pois a minha experiência pessoal revela-se na experiência da minha família, e de todos os trabalhadores.

Palavras-chaves: Autoetnografia; trabalho; estética da feira; estética substantiva.

Abstract: By resorting to the methodological expedient of autoethnography, which validates the experiences of subjects in research situations, an interpretation of a literary text will be presented that focuses on my experience as a worker at Feira de Trindade, Goiás. The text – “The aesthetics of the fair”, an chronicle essay, was made through the agglutination between a critique of performative aesthetics and the report of the significance of the fair which, for some years, was the economic foundation of my family. For its elaboration, a reflection was developed on work as a life operator and as an instance that materializes spatially. The interpretation of the informal worker's experience materialized in a link of scales, dimensions and activities of subjects. The economic dimension of the fair, the spatial, temporal, affective and symbolic dimension and the different subjects were observed. The reading of the dimensions and subjects allowed us to see that the relationship between work, memory and narrative, established between the specific and the universal, reveals the space/time conditions and contradictions of Trindade and also of Brazilian society. By proceeding in this way, the autobiography, under the magnifying glass of theoretical interpretation, becomes a contribution of an ethnography of the country, as my personal experience reveals itself in the experience of my family, and of all workers.

Keywords: Autoethnography; work; fair aesthetics; substantive aesthetics.

Resumen: Utilizando el expediente metodológico de la autoetnografía, que valida las experiencias de los sujetos en situaciones de investigación, se presentará una interpretación de un texto literario sobre mi experiencia como trabajador en Feira de Trindade, Goiás. El texto – “La estética de la feria”, un ensayo-crónica, fue realizado a través de la aglutinación entre una crítica a la estética performativa y el relato de los significados de la feria que, durante algunos años, fue el sustento económico de mi familia. Para su elaboración se desarrolló una reflexión sobre el trabajo como operador de vida y como instancia que se materializa espacialmente. La interpretación de la experiencia del trabajador informal materializada en un vínculo de escalas, dimensiones y actividades de los sujetos. Se observó la dimensión económica de la feria, la dimensión espacial, temporal, afectiva y simbólica y los diferentes temas. La lectura de las dimensiones y sujetos permitió ver que la relación entre obra, memoria y narrativa, establecida entre lo específico y lo universal, revela las condiciones espacio/temporales y las contradicciones de Trindade y también de la sociedad brasileña. Procediendo así, la autobiografía, bajo la lupa de la interpretación teórica, se convierte en un aporte de una etnografía del país, pues mi experiencia personal se revela en la experiencia de mi familia, y de todos los trabajadores.

Palabras clave: Autoetnografía; Trabajo; estética de la feria; estética sustantiva.

¹ Professor titular em Geografia da Universidade Federal de Goiás-UFG/IESA; e-mail: equimar@ufg.br

INTRODUÇÃO

Fui, na adolescência, um feirante. Todos os membros do núcleo familiar participavam decisivamente da atividade que nutriu a família durante 6 (seis) anos. O meu pai gestava tudo, as compras dos produtos que iam ser revendidos; o frete; a organização das bancas. A minha mãe ajeitava as toalhas, o troco, fazia o café da madrugada. Eu e o meu irmão ajudávamos em quase tudo: descascávamos as espigas de milho, enfileirávamos os cachos de banana; vendíamos e limpávamos a banca.

Sem nenhuma aula ou palestra antecipada ao exercício do trabalho de feirante, aprendíamos o ritmo (tínhamos que ser ágeis); a atenção com o comprador ou compradora; a higiene dos produtos, da banca e do próprio corpo e do lugar em que depositávamos as sobras. O espaço/tempo da feira encarnava em nossos corpos. Havia, sem que soubéssemos, uma pedagogia de efetivas relações a partir do jogo de cintura com os compradores; a cooperação entre nós; o sentido do trabalho em família e a delicadeza no manuseio dos produtos. Dali nascia o amor pela voz popular. Efetivava-se também a dimensão ontológica, operacional, cultural e econômica do trabalho. Vida e trabalho em nupcia total.

Aliás, os estudos clássicos do trabalho apontaram, desde o século XIX, o que parece ser permanente e essencial: o trabalho é, nas sociedades modernas e contemporâneas, um operador de vida. Isso quer dizer que os trabalhadores medeiam, articulam e promovem a sua sociabilidade tendo como base o lugar em que ocupam na divisão social do trabalho. Desses estudos – e de outros de suas órbitas – aprendeu-se que o trabalho é definidor da classe social, marcador essencial de um sujeito no mundo concreto, assim como são o gênero, a etnia-raça, a corporeidade.

As formulações de Marx, especificamente as sintetizadas no capítulo V., de *O Capital*, publicado inicialmente em 1867, além de considerarem o trabalho no centro da vida humana, iniciam-se com um aporte de método: o trabalho em si não existe. O que existe é o processo de trabalho. Este se insere numa gramática social na qual situam o modo de produção, as relações de produção, os meios de produção e as forças produtivas. E se estende ao corpo, à consciência e à significação da vida. Mas a “sociedade do trabalho” não é, nem será, a sociedade do trabalhador.

Redunda dessa compreensão duas vertentes teóricas: primeiramente, há de considerar que o trabalho move e movimentava grande parte da vida do trabalhador, assim como a sua subjetividade, os seus órgãos, a sua corporeidade, a sua relação com a alimentação, com a moradia, com o transporte e, inclusive, com o status social num mundo concreto. Em segundo plano, concebe-se que ele é uma categoria histórica, como histórica é a sua significação e o seu alcance social. Ao mesmo tempo é universal, pois está ligado à condição humana; e é específico conforme os modelos de acumulação e, inclusive, singulares, de acordo com os sujeitos que o fecundam.

Não há, pois, nenhuma maneira de um sujeito humano isentar-se da relação direta com o trabalho irradiado num processo social contraditório, como é o caso das sociedades capitalistas. Além de o sujeito identificar-se no mundo social por intermédio da classe social, pelo trabalho constitui-se grande parte de sua história de vida. A reverberação do trabalho como veia da história de vida inclui a saúde-doença, como ensina o campo-questão Saúde do trabalhador; o sofrimento ou prazer, o delírio, a

neurose, a satisfação, como esclarece a Psicodinâmica do Trabalho; e a organização política, como são situados os Movimentos Sociais.

Com base nesses princípios, apresentaremos, ao modo da autoetnografia, campo metodológico que valida as experiências dos sujeitos em situações de pesquisa, a interpretação de um texto literário que enfoca a minha experiência de trabalhador na Feira de Trindade-Go.

O texto – “A estética da Feira” – ao modo de uma crônica-ensaio, contorna o sentido ontológico do trabalho, implicando em vários aspectos da minha vida e da vida de minha família.

A ESTÉTICA DA FEIRA

Quando fui convidado a ingressar na ATLECA – Academia trindadense de Letras, Ciência e Arte - tinha como obrigação fazer um discurso que representasse a minha inserção naquela instituição de arte. Na época, por coincidência, estava lendo textos de autores que refletiam a arte na sociedade capitalista, tais como Frederic Jamenson (1996), Theodor W. Adorno (1984), Anita Cristina Azevedo Resende (1997), Alfredo Bosi (1991), Roland Barthes (1984), Nildo Viana (2007), Umberto Eco (1984) e outros.

Esses autores e autoras, além de darem suporte às minhas aulas e pesquisas, seriam congruentes com a reflexão de cultura, arte, estética e a sua relação com sociedade e com a história no ambiente de uma academia de Letras. Todavia, eu pretendia incluir, no discurso, algo valioso da minha experiência de sujeito trindadense. Ao invés de fazer um discurso ao modo do protocolo formal, bastante comum aos pleitos acadêmicos, preferi fazer uma crônica.

A ESTÉTICA DA FEIRA

A minha mãe cumpre um rito dominical: deve ter mais de 30 anos que caminha de nossa antiga casa, em Trindade, à Feira. Ela acorda cedo e pega a sacola. Se o meu irmão estiver em casa, ela o chama, ou vai só se ele estiver ausente. Com ela, são várias tias, comadres, compadres que frequentam essa feira - dos quiabos.

Trindade cresceu a reboque do envolvimento com Goiânia. Mas o sentido original da feira - como palco ritualístico de velhas boas comadres, de antigas devotas mães - continua significando o tempo na trança de leiras de frutas, verduras, carne de porco, churrasquinhos de gato, cachaça, pasteis. Seu João Gordo e dona Maria Padilha; dona Conceição do Abacaxi e seu neto Danielzinho; Zeca da Rapadura, sem dentes e Alfredinho do Pai Eterno, outros e outros e outras, transformam o real em arte, desenvolvem acrobacias a partir de cenas de sujeitos reais desse mundo. Na feira tomate é gente; gente é guariroba, dois litros de Pequi por cinco. Pequi é suor. É amor.

Hoje acordei cedo e fui peça da procissão dominical de minha mãe em seu milagre de feira. Cheguei lá com a sacola aberta e me agraciei com as bancas dispostas numa profusão de cores, faces de vendedores simpáticos, de compradores apressados, de meninos-que-carregam-sacolinhas, carroceiros, vendedores de picolé, engraxates, pedintes, faroleiros e abusados. E como se fosse uma ciranda de movimentos barrocos e cadenciados, a mistura de tomate, alface, pinha, guariroba, galinha caipira, tambaqui, CDs piratas, feijão, caqui em promoção, calcinhas caseiras, rapaduras "da pura", brinquedinhos de madeira, currupios, jiló africano, moringa, cabaça, molho de arnica, garapa-de-cana, me fez viajar em mim, revigorar uma memória e reinstalar outra significação para o evento. Aquela feira sou eu no passado - e no que sempre serei.

Na adolescência fui, junto ao meu pai e ao meu irmão, um feirante. Para a minha dor de dorminhoco tinha que acordar às três da madrugada. Entrava numa camionete velha e ia vender milho verde descascado. Lá para as duas horas da tarde, cansados e alegres, almoçávamos juntos, bebíamos refrigerantes para comemorar. Aquela feira nutriu a minha família durante vários anos. Percebi então: a representação positiva que hoje faço da feira é acordada com o princípio de Jameson ao analisar a Dialética Negativa de Adorno. A arte não pode mentir. A arte precisa ser testemunha de um tempo. É missão do senso estético ver o som das cores como a música de vendedores, a poética de pedintes; observar as cores do silêncio, arrancar música e melodia dos verbos que costuram a densa realidade de quem, por acaso vive e, por viver instala um sentido de irmandade com tudo que existe; passear na pintura e na escultura das imagens verbais e metafóricas, afortunar o real de sentido e significado, entrar nele com a sensibilidade comprometida...Não há escapatória: a pele guarda a nossa caminhada no trabalho. Não há escapatória: assumir-se é ter coragem para pôr a pele na cara do mundo.

Enquanto a estética performática ocorre na transformação da Arte em entretenimento para facilitar a sua mercantilização, uma estética substancial – como a da feira – deve-se no ato simples da pessoa comprando frango, comendo pastel, trabalhando para gerar o difícil sustento, negar a performance para afirmar a função original da arte: compor novas sensibilidades, despertar a percepção, gerar vontade de transformação, incluir o suor do trabalhador nas referências de beleza.

Por esse motivo, na perspectiva da dialética negativa, a feira é testemunho do que sou. Sou esse feirante passeando entre quiabos, rapadura e ioiô. E talvez seja hoje um professor – das abóboras simbólicas e do açúcar mascavo semântico. Frutas, galinha caipira, voz de vendedor, as mãos tocadas nas mãos do compadre frente a banca de Seu Zé, são símbolos que residem em mim além da minha consciência. Está no corpo. É só ver e constatar.

Pode ser que, tal como pondera Jameson lendo Adorno, não há em mim, por consagrar a feira como um esplendor estético, nenhuma glorificação cultural. Talvez haja uma emoção que não lhes possa dizer porque ao passear na feira eu encontro com o meu fundamento e com a beleza do ser. E me sinto vivo, irmão das coisas deste tempo. Saio aí declarando, “sou semente de amora, ingá do galho, pimenta-do-reino, duas dúzias de banana por quatro...”

A VIDA E O TRABALHO: A EXPERIÊNCIA DE FEIRANTE

O texto, como pode ser lido, fez a memória pousar numa fase importante da minha vida. Para a sua consecução, na condição de professor universitário, de ativista cultural e de membro da AGB-GYN – Associação dos Geógrafos do Brasil, esbocei um olhar respeitoso à vida simples que eu e a minha família tivemos.

A moral subjacente situa-se assim: a vida simples e custosa patenteou o que fui, serei e sou: um feirante. O tom metafórico enraizado no tempo indicando que serei sempre um feirante, transforma a memória num ato político. E a dimensão ontológica do trabalho, como referência da minha formação como sujeito, integrou-se nas linhas e nos argumentos do texto, desembocando-se numa leitura teórica de estética. O passeio por entre bancas expostas na feira, e a percepção das cores dos produtos, dos cheiros, dos gestos e das diferentes situações, se tornaram sedimentos para a crítica à estética performática que é hegemônica na sociedade capitalista.

Ao correr os olhos na estrutura do texto - e em suas cenas -, percebe-se que nele são montadas várias dimensões atreladas ao trabalho de feirante. Convém explicitá-las:

Dimensão econômica

Durante a semana o meu pai se movia na zona rural do município de Trindade para adquirir, dos próprios produtores, os bens que, aos domingos, venderíamos na feira. Contactar os pequenos produtores, organizar a colheita, efetivar o transporte, demarcar o tempo, eram ações que dependiam de um enlace econômico feito com vários esforços.

Eliminar o atravessador, o que nem sempre era possível, concursava para obter maior lucro nas vendas, especialmente de banana e milho verde descascado. Não dispor de terra para produzir os bens de venda, ou seja, não ter a propriedade desse importante meio de produção, interferia nos lucros. Mas isso era compensado com a atividade da descasca das espigas e da venda ao modo do varejo.

A instabilidade dos ganhos começava no ato de comprar e também no transporte. Embora, não fosse possível eliminar a instabilidade, condição própria do trabalho no setor terciário, a experiência do pai, a importância da feira para os moradores de Trindade e a concentração no ato da venda, garantiram, durante vários anos, a reprodução da vida de nossa família.

Mesmo o trabalho informal, designado de autônomo, como é o dos feirantes, se instala numa estrutura social marcada pela divisão social do trabalho e pela macroeconomia. Era comum, por exemplo, perceber que nos finais de cada mês as vendas diminuía, assim como diminuía nos períodos de crises. Sobre esse processo, Marcário (2017, pag 11), diz que:

Desta forma, a totalidade de riquezas postas pelo trabalho social total, bem como a totalidade de forças sociais que se fundam na cooperação trançada pelos indivíduos na produção material da vida, tornam-se autônomas perante estes e se lhes confrontam como um poder externo. O homem encontra-se, no gradiente da divisão do trabalho, alienado de sua generidade na medida em que se confronta com sua atividade vital, com os frutos dessa atividade, com os outros homens e com as energias sociais originadas na forma histórica de cooperação, como antagonista. Donde a apropriação do gênero pelo indivíduo singular pressupõe a superação dessas contradições e isto quer dizer a superação daquele elemento que fornece a base para estes desdobramentos, a divisão do trabalho. É precisamente a formação econômica e social capitalista que, a despeito de engendrar uma forma específica de divisão do trabalho e de alienação, coloca as condições materiais para tal superação. (MARCÁRIO, 2017, pag. 11)

Nota-se que na virada dos 1970 para 1980, o território goiano, bem como o município de Trindade, tinha uma economia frágil. A oferta de empregos formais era muito pequena, quase não havia carteira assinada. O mercado interno era frouxo e os salários eram deficientes.

Nesta situação, destinar a mão de obra no denominado mercado informal era quase uma imposição. Quando se conseguia reproduzir a força de trabalho, ou seja, custear as despesas oriundas das necessidades primárias, como comer, pagar o aluguel, a água, a energia, o pleito existencial no presente estava resolvido. Por isso, naquele período, o que menos importava era pagar a previdência social.

Entretanto, o fato de, numa semana ou em outra, ter uma abundância mesmo que no horizonte imprevisível, causava uma alegria de trocas efusivas e silenciosas. O pai e a mãe se entusiasmavam por verem os filhos se alimentando e os filhos se alegravam por verem os pais felizes. De modo que a ligação da dimensão econômica com o humor, com a emoção e com o bem-estar da família inteira, demonstrava o vínculo entre família e o mundo do trabalho.

A dimensão espacial

O texto faz uma identificação espacial ao tomar como referência à feira. Mesmo Trindade tendo a sua dinâmica ligada ao crescimento de Goiânia, portanto, sendo implicada pelo que, posteriormente, veio consagrar como região metropolitana de Goiânia, a feira, no seu curso ritualístico e também em razão de sua importância à sociabilidade de trindadenses, se apresentou como um componente cultural.

A sociabilidade simples de sujeitos das cidades do interior de Goiás, as trocas e os gestos acordados em diagramas afetivos fora dos negócios e das estratégias mercantis das grandes metrópoles capitalistas, deram à feira um lugar de permanência e de resistência. Mesmo adolescente, lembro-me do esforço de outros feirantes efetivarem um exercício solidário com o meu pai e de todos com todos. De maneira espontânea, havia uma comunidade solidária que empreendia colaborações a partir da ajuda em montar as bancas; empréstimo de troco; informação sobre oportunidades de compra de produtos etc.

Ademais, a feira tinha uma espacialidade viva e vibrante, que começava com a localização. Naquele período, ainda sem existir uma frota de veículos tão grande como a de agora, era estratégico que a feira se localizasse no centro da cidade. Posteriormente, foi mudando até ir para a periferia em função do estacionamento de veículos.

A disposição das bancas, a organização espontânea dos gêneros dos produtos, a divisão do tamanho dos espaços para disporem as bancas, as colunas de livre trânsito, se somavam ao burburinho de vendedores, compradores, gente que fazia diferentes apropriações do espaço. A vivacidade do espaço continha, portanto, uma dimensão relacional efetivada pelo regime de sua apropriação mediante gritos, ofertas, prosas e colaborações.

Dimensão Temporal

A premissa assertiva e primaz do paradigma socioespacial desenvolvida por Milton Santos (1982), sublinha que não há indissociabilidade entre espaço e tempo. A partir dessa premissa, o geógrafo estabelece que o modo de produção inscreve a dinâmica social na escala do tempo e a formação socioespacial a inscreve na escala espacial. Diante disso, a síntese é enxuta: a feira de Trindade é um fenômeno temporal.

A leitura temporal da feira de Trindade pode ser dividida em dois pleitos: o trabalho que a antecede durante a semana juntando-se ao preparo no dia de seu acontecimento; e o momento em que ocorre o encontro entre os vendedores e os compradores, ou seja, o ato corrente e vivo de sua dinâmica. Contudo, há, conforme assinala o texto, outra ordem temporal: o do momento posterior.

Se há um tipo de trabalho no tempo antecedente, outro na efetivação, o trabalho posterior situa-se em fazer as contas; ver o que ganhou; organizar o pagamento das despesas; fazer um balanço das conquistas econômicas ou do prejuízo, avaliar todo o processo. Entretanto, a relação trabalho/tempo recai no corpo.

Acordávamos às 3h da madrugada para ajeitar as coisas que no dia anterior já havia se começado. Teríamos que chegar bem cedo no local para que o carro com os produtos tivesse condições de se mover entre as primeiras bancas sem nenhum empecilho. Quando o dia raiasse seria oportuno e necessário que a banca tivesse arrumada e os produtos organizados para que os compradores pudessem “chegar”.

Acordar as 3h da madrugada era um sacrifício para todos, especialmente para mim e para meu irmão, que éramos adolescentes. O expediente do sacrifício era reconhecido pelo pai e pela mãe. O almoço saía, aos domingos, o dia da feira, bem mais tarde. Em torno das 14h, geralmente alegres e unidos, com uma garrafa de refrigerante entre as panelas para premiar os trabalhadores, a vontade de comer e o júbilo de comemoração faziam eclodir um tom festivo, proclamava-se, no fim do turno, uma vitória afetiva.

Os sujeitos diversos

Toda feira popular tem como característica a mistura de rostos, gestos, intenções. A sua origem distante historicamente, atualizada no tempo e no espaço, não faz evaporar significações de ser um espaço público. Mascarenhas (2008, pag. 3), revela que,

A feira livre no Brasil constitui modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Herança em certa medida da tradição ibérica (também de raiz mourisca), posteriormente mesclada com práticas africanas, está presente na maioria das cidades brasileiras, sobretudo naquelas com população superior a 300 mil habitantes (excetuando-se obviamente o Plano Piloto da capital federal, Brasília, pautado em princípios urbanísticos singulares). Desempenham ainda hoje papel relativamente importante no abastecimento urbano, apesar das políticas públicas adversas que tiveram de enfrentar nos últimos 30 anos. (MASCARENHAS, 2008, pag. 3)

A feira é um espaço público, lugar de reunião de pessoas livres, identidades, gestos e movimentos, os mais diversos que, “numa cadência barroca”, surgem espontaneamente efetivando trocas simbólicas, gestos de gentilezas, pequenas disputas espaciais, atos de compra e de brincadeiras. Bêbados que atravessam a noite, pedintes mal vestidos, promotores culturais, trabalhadores diversos, cantores, poetas, gente desempregada, ajudantes, compradores, seguranças e tantos outros, promovem a efervescente arte coletiva, pública e aberta à comunicação, aos jogos, ao lazer, à sedução e à luta pela vida.

No caso da feira de Trindade, “as velhas boas comadres”, senhoras e donas de casa que marcham ritualisticamente aos domingos em direção às compras marcam a paisagem movente da feira. Mas a feira é marcada também por gente da classe média urbana, fazendeiros que aproveitam o local para vender e comprar bois; pedintes, alcoólatras; crianças e adolescentes que exercem vários tipos de trabalho. Embora, na profusão de movimentos tudo se mistura, as diferenças não deixam de

enunciar-se.

Pressa, exposição, gritaria, charadas, gozações, insinuações, encontros festivos, sociabilidades diversas, negócios, pechinchas e tantas outras ações, demonstram que a feira é um desaguadouro de sujeitos que, ali, em regime de trocas, de compensações, de festividade ou de linhas de fuga, disseminam a cultura no espaço. A síntese pode ser elaborada: a feira se constitui mediante várias práticas espaciais. Mais que vender e comprar, os sujeitos desenvolvem artimanhas e jogos que bordam o desenho da potência humana, especialmente de trabalhadores sedentos pelos encontros e pela comunicação.

Dimensão afetiva e simbólica

No caso de nossa família, e também de outras de feirantes, o trabalho de todos os entes, da mãe em casa, do pai em todo o circuito, do irmão em forma de cooperação, fez gerar uma aproximação corporal e afetiva. A distribuição das tarefas, com o tempo, foi sendo entalhada pelas habilidades pessoais. E alguns saberes se nutriram do êxito da operação, como ser ágil no atendimento do freguês, ser simpático, prestar atenção, “estar de olho” no que acontece, saber dar uma resposta aos pechinchadores com educação e simpatia.

Atrair gente para a banca, exercer um estilo de comunicação na proporção da pressa e do ambiente que se instaurava nos horários de pico, defender-se de quem provoca, enxergar o que o Outro está precisando, tomar iniciativa para embalar as vendas, são ações espontâneas que unem trabalho e ação afetiva e simbólica. Silva Neto (2010, pag. 3), explica que “Desde há muito que se discute nas ciências humanas e sociais que o comportamento humano se distingue do das demais espécies por ser um agir simbólico ou embebido em uma ordem cultural”.

A ideia chave se situa assim: não há ação humana desprovida da cultura e do agenciamento simbólico porque o ser humano se constitui, de maneira complexa, no tecido de produção, trocas e disseminações simbólicas. Essa ideia instrui para se pensar, pelo menos, dois aspectos centrais: há sempre em qualquer trabalho uma dimensão teleológica, ou seja, a busca de uma finalidade; e há sempre o exercício de um saber que, por mais simples que seja, como é o caso de quem vende milho verde descascado na feira, ajuda a empreender o trabalho.

A ação de trabalho, no caso da feira e de outras atividades, é movida de expectativa e, por isso, está sujeito à frustração. Pode haver, pela dureza, pelas condições e pela estrutura do trabalho, prazer ou sofrimento. Os estudos e a vasta produção de Christophe Dejours (1994), no campo da Psicodinâmica do Trabalho, mostraram que o trabalho faz a dimensão afetiva e emocional do sujeito ser exercida. Amor, ódio, desânimo, desprezo, medo, tristeza, ou vontade, prazer, alegria, são correntemente constituídos no ato de trabalhar.

Aspectos como a hierarquia, a repetição, a vigilância, a normalização, a exploração e a ausência de reconhecimento, causam sofrimento e humilhação, repercutindo na esfera psicológica do sujeito com o mundo e consigo mesmo. O reconhecimento de meu pai se apresentava de duas formas: o almoço festivo com refrigerante e uma pequena ajuda financeira outorgada aos trabalhadores adolescentes. Ambos serviam de estímulo, de prazer e de sentimento afetivo.

O TRABALHO E A ESTÉTICA SUBSTANTIVA

Cabe explicar conforme Santos (2017, pag. 215), o procedimento de autoetnografia. O autor diz que,

“Autoetnografia” vem do grego: auto (self = “em si mesmo”), ethnos (nação = no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e grapho (escrever = “a forma de construção da escrita”). Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve). (SANTOS, 2017, pag. 215)

O texto – A estética da Feira – foi feito com um propósito específico: simbolizar o meu pertencimento à Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes. A posse na instituição em minha cidade de vida me encheu de responsabilidade ética e estética. Eu queria, no discurso de entrada, enfatizar o que pensava em comum acordo com Jamenson (1996): “a arte não pode mentir”. Queria dispor o que compreendia de cultura, esfera simbólica, linguagem e estética. Para o qual teria que, na entrada na Academia, mostrar a fragilidade da estética performática.

Resolvi, com esses propósitos, narrar um momento crasso e reluzente da minha vida. Por meio da feira, além da família comer, beber, pagar o aluguel, a luz e a energia, havia um sopro de vitória sobre o alcoolismo do pai e da insegurança financeira que assombrava a nossa família. De maneira que todo o texto, feito em forma de crônica-ensaio, diferente das modalidades de discursos idílicos, apologéticos e meramente confessionais, comum aos discursos de postulantes de academias de letras, pretendia narrar a vida comum, real, significativa, sem, contudo, abandonar o meu lugar de trabalho na universidade.

O formato do texto, por isso, já era autoetnográfico. A minha ótica, mediante o discurso formalizado na crônica-ensaio, era o ponta pé para o que viria depois: “a feira de Trindade sou eu, o que fui e serei”. Posto assim, o trabalho, operador de vida, assinalava o seu tom ontológico. A senda autoetnográfica eclode em emoção na narrativa:

Na adolescência fui, junto ao meu pai e ao meu irmão, um feirante. Para a minha dor de dorminhoco tinha que acordar às três da madrugada. Entrava numa camionete velha e ia vender milho verde descascado. Lá para as duas horas da tarde, cansados e alegres, almoçávamos juntos, bebíamos refrigerantes para comemorar. Aquela feira nutriu a minha família durante vários anos.

O texto descamba em defesa de uma estética substantiva opondo-se à estética performática, esta que é serva do mercantilismo, das trocas financeiras, de uma significação superficial. A representação positiva que fazia, e ainda faço da feira, o passeio na memória de vida de minha família naquele período, veio sacramentar um esteio da proposta estética: a arte é testemunha de um tempo.

A feira é uma obra de arte. Por isso, perceber o som das cores, a música da fala de vendedores, a melodia da voz de pedintes, a pintura das frutas, verduras; a escultura formada no movimento frenético, enfim, a cadência de um fato de densa significação de vida, apresentariam o desfecho de sentido da estética substantiva: despertar uma sensibilidade comprometida. Ora, assim

colocado, deveria incluir o suor do trabalhador como referência de beleza.

Contra a “glorificação cultural”, solicitando de mim mesmo para não esqueça o que sou, embora sedimentando a minha vida como professor universitário, unindo estética e ética, o texto me chama para uma consciência que de mim se estende à condição de classe dos trabalhadores brasileiros. Por conseguinte, “a feira é testemunho do que sou”. A dimensão ontológica do trabalho em núpcia com o vislumbre estético assegura que “Sou esse feirante passeando entre quiabos, rapadura e ioiô. E talvez seja hoje um professor - das abóboras simbólicas e do açúcar mascavo semântico”.

Mimetizando situações de feira, a declaração ontológica me coloca misturado aos produtos da feira: “E me sinto vivo, irmão das coisas deste tempo. Saio aí declarando, sou semente de amora, ingá do galho, pimenta-do-reino, duas dúzias de banana por quatro”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O expediente metodológico assentado na autoetnografia, tal como efetivado neste trabalho, se expressou em duas vertentes: primeiramente valeu-se da narrativa da própria experiência do autor; posteriormente, em conduta de reflexão, sob a mediação teórica, esboçou-se uma leitura universalizante do tema em questão.

Quando fiz a crônica-ensaio – A Estética da Feira – para promover o discurso de entrada na Academia de Letras de Trindade – ATLECA, a minha intenção era contrapor à estética performática e ao lance simples de apologia à cultura e à arte. Eu queria legitimar a cultura e arte, assim como a estética, contudo, sem externalizá-los ao trabalho duro que tive junto à minha família.

A vontade de propor uma crítica à estética performática me incitou a assimilar os pontos culminantes da estética substantiva, essa que envolve as dimensões concretas da vida. Para isso juntei a leitura de teóricos da cultura e da estética à intérpretes do trabalho observando a minha condição de feirante quando era adolescente.

O suor – metáfora do trabalho – e a significação de nutrir a vida num regime de trocas efusivas, como ocorreu na minha experiência de feirante em Trindade, juntos e irmanados, me possibilitaram enxergar que, de fato, “a arte não pode mentir”. Mas pode – e deve – fantasiar, transgredir, transpor, desviar dos regimes monolíticos da vida social. A vida humana, em todos os lugares, em qualquer situação, provê-se também de símbolos.

A feira, como espaço público, viva e dinâmica, reúne cores, saberes, gestos, usos, apropriações, trocas simbólicas, as mais diversas, assim como sujeitos de estirpes diferenciados. Entretanto, há um grau de ordenamento que a delinea a partir de uma relação espaço/temporal. Esse ordenamento revela a relação de seu episódio quente e vivo com dimensões estruturais da macroeconomia, como, por exemplo, o trabalho informal, o preço das mercadorias e a força do dinheiro. Embora, a macroeconomia se insinua e se expressa concretamente, há pleitos de significações singulares, como os ritualizados pelas “boas comadres trindadenses” e por mim mesmo. Ainda vou à feira de Trindade também cumprindo um rito cultural: ver-me no passado, ver-me no presente. E sempre.

Observou-se que a narração da experiência de trabalho, conforme foi apresentado, configura-se como uma dimensão política. O ato de detalhar a condição de trabalhador informal na feira de Trindade é, ao mesmo tempo, um ato de construção da memória. Ao ser construída ilustrando um evento comum aos trindadenses num período histórico, o que é memória individual torna-se memória coletiva.

A relação entre trabalho, memória e narrativa, entre o tom específico e universal, revela as condições e as contradições espaço/temporais de Trindade e também da sociedade brasileira. Ao proceder assim a autobiografia, sob a lupa da interpretação teórica, torna-se uma etnografia do país. A minha experiência pessoal revela-se na experiência da minha família, e de todos os trabalhadores.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Dialética Negativa*. Madrid: Taurus: 1984
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a Arte*. São Paulo: Ática, 1991
- ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade do cotidiano*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- DEJOURS, Christophe. *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*” São Paulo: Atlas,1994.
- JAMENSON. Frederic. *O Marxismo Tardio. Adorno ou a persistência da dialética*. São Paulo: UNESP: 1996
- MARCÁRIO, Eptácio. *Divisão do Trabalho e Alienação – uma leitura marxista*. Fortaleza (Ce): 2017, acessado em 20.11/2022 -
- MASCARENHAS, Gilmar. *Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea*. In: *Revista Ateliê Geográfico – Vol. 2, N.2 – Goiânia:UFG, 2008*
- MARX, Karl. *O capital – O processo de Trabalho*. Livro 1, CAP V. Tradução de Reginaldo Sant Anna. 15a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996
- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do Homem*: São Paulo: Hucitec, 1982.
- SANTOS, Silvio Matheus Alves. *O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios*. In: *PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017*
- SILVA NETO, Nirson Medeiros da. *TRABALHO COMO SÍMBOLO: ENSAIO SOBRE A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO TRABALHO NO COCO NO BICO DO PAPAGAIO*. In: *Trabalho publicado nos Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI realizado em Fortaleza - CE nos dias 09, 10, 11 e 12 de Junho de 2010*. Acessado em 20/11/2022-
- RESENDE, Anita Cristina Azevedo. *O tempo do tempo – objetividade e subjetividade sob o tempo quantificado*. São Paulo, PUC, 1997. Dissertação de mestrado
- VIANA, Nildo. *A esfera artística*. Goiânia: Editora Zouk, 2007.

